

# ADOLESCENTES, CONSUMO DE DROGAS E VIOLÊNCIA: PRÁTICAS SOCIAIS DE JOVENS – REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORES EM CONTEXTO ESCOLAR<sup>1</sup>

*Denise Bomtempo Birche de Carvalho<sup>2</sup>  
Eleuza Rodrigues Paixão<sup>3</sup>*

---

## **Resumo:**

Este artigo trata da relação entre adolescentes, consumo de drogas e violência. Seu objetivo é apresentar as interpretações dos dados da pesquisa epidemiológica sobre o consumo de drogas pelos adolescentes das escolas públicas do Distrito Federal (Carvalho et al., 2002) e relacioná-las às percepções, aos valores, enfim, às representações dos educado-

---

<sup>1</sup> Este artigo é produto da pesquisa intitulada "O Consumo de Drogas pelos Adolescentes das Escolas das Redes Pública e Privada do Distrito Federal", do Departamento de Serviço Social – SER, Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Questão Social, Instituições e Serviços Sociais, da Universidade de Brasília – UnB. Trata-se de pesquisa financiada pelo CNPq desde 1998, sob a coordenação da Professora Denise Bomtempo Birche de Carvalho, com a participação da assistente social Maria Terezinha da Silva e de Francisca Lucena (estatístico), que participaram ativamente da parte quantitativa, e das alunas de iniciação científica Chiara Chaves Cruz Villela (hoje assistente social do 1º Ambulatório para Tratamento de Dependência Química da Secretaria de Saúde do Distrito Federal), Luciana dos Reis Elias (hoje trabalhando da Secretaria Nacional Antidrogas – SENAD), Camélia Vaz Penna, Cecília Ribeiro Leite, Maria de Fátima dos Santos Silva, Patrícia de Jesus Lemos, Eleuza Rodrigues Paixão, Érika Aline Rodrigues Neves e Núbia Rocha Vieira (parte qualitativa). Cabe destacar que todos os recursos humanos, da área de Serviço Social, desenvolveram (e alguns ainda desenvolvem) suas monografias de conclusão de graduação tendo como base as construções teórico-metodológicas da pesquisa e a base de dados quantitativos e qualitativos, sob a orientação da coordenadora da pesquisa.

<sup>2</sup> Assistente Social, Especialista em Política Social pela Universidade de Brasília. Doutora em Ciências Sociais – Sociologia, pela Universidade de Paris I – França, 1992. Coordenadora da Pesquisa, docente do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, DF.

<sup>3</sup> Iniciação científica (2002/2003).

res em contexto escolar. São vários os eixos da pesquisa que poderiam ser desenvolvidos tais como, família, lazer, trabalho, sexualidade, entre outros. Todavia, escolheu-se a relação entre consumo de drogas, pelos adolescentes, e violência, como recorte, tendo em vista a emergência e o agudizamento dessa questão social que agride principalmente os jovens das famílias menos favorecidas do País. Os resultados obtidos mostram a necessidade de aprofundamento da reflexão teórico-metodológica no sentido de contribuir para a formulação de políticas preventivas que possam ampliar as condições para o pleno desenvolvimento dos jovens das classes populares, no sentido de serem sujeitos de sua história, capazes, portanto, de exercer a cidadania plena.

**Palavras-Chave:** adolescência; drogas; consumo; escola; violência; prevenção.

**Abstract:**

This article deals with the relationship among adolescents, drug use and violence. Its objective is to present the interpretations of the data from an epidemiological research about drug use by adolescents from public schools in the Federal District of Brazil (Carvalho *et al.*, 2002) and to relate them to the perceptions, values, and to teachers' representations in school context. Many are the axis of the research that could be developed such as family, leisure, work, sexuality, among others. Nevertheless, a relation was chosen between drug use, by adolescents, and violence, considering the emergence and the worsening of this social problem that afflicts mainly youngsters from poor families in the Country. The results obtained so far show the need to go deeper into the theoretical-methodological reflection in order to contribute to the formulation of preventive policies that can enlarge the conditions for the full development of youngsters from popular classes, so that they can be subjects of their own history, and consequently be capable of exerting their full citizenship.

**Keywords:** adolescence; drugs; drug use; school; violence; prevention.

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata da relação entre adolescentes, consumo de drogas e violência. Seu objetivo é apresentar as interpretações dos dados da pesquisa epidemiológica sobre o consumo de drogas pelos adolescentes das escolas públicas do Distrito Federal (Carvalho *et al.*, 2003, 2002,

2001, 2000) e relacioná-las às percepções, aos valores, enfim, às representações dos educadores em contexto escolar. São vários os eixos da pesquisa que poderiam ser desenvolvidos tais como, família, lazer, trabalho, sexualidade, entre outros. Todavia, escolheu-se a relação entre consumo de drogas, pelos adolescentes, e violência, como recorte, tendo em vista a emergência e o agudizamento dessa questão social que agride principalmente os jovens das famílias menos favorecidas do País.

Os resultados obtidos mostram a necessidade de aprofundamento da reflexão teórico-metodológica no sentido de contribuir para a formulação de políticas preventivas que possam ampliar as condições para o pleno desenvolvimento dos jovens das classes populares, no sentido de serem sujeitos de sua história, capazes, portanto, de exercer a cidadania plena.

Este trabalho visa contribuir para a reflexão e intervenção do profissional de Serviço Social dentro de uma perspectiva ética, política e profissional. Trata-se, pois, de construir estratégias que tornem possível a prevenção de dependência química e da violência no âmbito institucional, seja governamental ou não-governamental, *locus* da prática profissional do assistente social, numa perspectiva multidisciplinar.

Conforme o seu uso em determinada sociedade, as drogas podem atuar tanto como elemento de integração, como é o caso das sociedades tribais, onde o consumo favorece a coesão social e emocional, como também de desintegração, no caso das sociedades industrializadas, em que seu uso vem causando tensões nas famílias e no meio social. A questão do abuso de drogas engloba um complexo de relações antropológicas, políticas, religiosas e psicológicas, e somente dentro dessas perspectivas é que podemos compreender as motivações pessoais e o contexto sócio-cultural num sentido mais amplo (Bucher, 1991, p. 17).

Em síntese, o consumo de drogas sempre esteve presente, tanto nas sociedades tradicionais quanto nas modernas, seja no contexto “social, econômico, medicinal, religioso, ritual, cultural, psicológico, estético, climatológico e mesmo militar” (Bucher 1991, p. 18), deixando recentemente de ter uma conotação exclusivamente individual para se constituir em um sério problema de saúde pública e de natureza socioeconômica em muitos países (Carvalho et al., 2000).

De fato, a tendência mundial da iniciação de crianças e adolescentes, cada vez mais precoce e de forma mais pesada, no uso abusivo de

drogas, é uma realidade. Como analisar esse fenômeno característico das sociedades modernas e complexas como uma das manifestações da questão social, principalmente, no campo da saúde pública?

Na população norte-americana, está comprovado que 71% dos fumantes diários com idade entre 30 e 39 anos, em 1991, iniciaram o consumo de cigarros até os dezoito anos completos. Embora o uso de psicotrópicos raramente se torne regular, “um em cada oito adolescentes usou comprimidos, tais como anfetaminas e barbitúricos, enquanto um em cada doze experimentou LSD. O uso de cocaína pelo menos uma vez na vida se estendeu por 4% dos adolescentes, ficando 3% com o uso de heroína” (Medina et al., 2001, p. 168).

Com milhões de usuários, o álcool e outras drogas constituem-se no terceiro problema de saúde pública nos EUA, tendo um custo social superior a trinta bilhões de dólares. A partir da década de 80, o abuso de drogas por adolescentes, nos EUA, começou a aumentar: “As drogas possivelmente constituem, hoje, o fator mais importante de desorganização social, familiar e individual, além dos níveis insuportáveis já alcançados pelo seu elevado custo sócio-econômico e sanitário” (Vargas, 1993, p. 37).

Na França, o consumo de produtos perigosos é um problema da sociedade: “Três quartos dos adolescentes são fumantes, 30% das garotas e 11% dos garotos de 17 anos já fizeram uso de psicotrópicos e 12,5% dos adolescentes entre 11 e 19 anos consomem, ao menos duas vezes por semana, bebidas alcoólicas” (Bernabeau, 2003, p. 19).

Recentemente, a ONU (Organização das Nações Unidas) divulgou um relatório no qual foi constatado que a maconha continua sendo a droga mais consumida, ou seja, 144 milhões de pessoas a consomem na América Latina. Verificou-se, também, que o uso de drogas tradicionais, como a cocaína e a heroína, caiu e que houve um aumento do consumo de drogas sintéticas (de laboratório) como o *ecstasy*. Acredita-se que a explicação para isso está no fato de que as drogas sintéticas são de produção mais simples e o combate e a repressão mais difíceis (Wasserman, 2001).

No Brasil, houve um aumento, nas duas últimas décadas, do consumo de drogas, do tráfico e do número de usuários (Vargas, 1993). Segundo Cruz & Ferreira (2001), são gastos o equivalente a cerca de 28 bilhões de dólares por ano, no País, com as conseqüências do uso de

drogas psicoativas e os usuários de drogas injetáveis correspondem a 25% dos casos de AIDS no Brasil.

Os principais estudos sobre o consumo de álcool e outras drogas são realizados, no Brasil, com os estudantes de escolas públicas, pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas – CEBRID, tendo a epidemiologia como referencial teórico-metodológico. Esta possui como princípio o levantamento da realidade, com o intuito de provocar tanto o Estado quanto a sociedade acerca da necessidade de criar políticas públicas de prevenção, de controle e de tratamento, de acordo com as classificações dos usuários, em relação aos segmentos populacionais pesquisados.

Esse Centro de Pesquisa desenvolve periodicamente levantamentos sobre o uso indevido de droga pelos estudantes de 1º e 2º graus, nas dez principais capitais dos estados da federação, e por crianças e adolescentes em situação de rua. Os resultados desses estudos confirmam que, no País, o consumo de drogas está cada vez mais precoce entre crianças e adolescentes, realidade que os coloca, quotidianamente, convivendo com situações de perdas do vínculo afetivo, da referência familiar e escolar e até da infância propriamente dita, como revelam os dados sobre crianças e adolescentes em situação de rua, consumo e tráfico de drogas, submetendo-os a situações de violência física, psíquica e social.

Em levantamento domiciliar realizado em 2001, pelo CEBRID (Carlini et al., 2001), nas 107 cidades brasileiras com mais de 200.000 habitantes, constatou-se que os indivíduos em contato com as drogas (exceto tabaco e álcool) chegam a 19,4% da população pesquisada, sendo a maconha a primeira colocada, com (6,9%), seguida pelos solventes (5,8%), anorexígenos (4,3%), benzodiazepínicos (3,3%), estimulantes (1,5%) e heroína (0,1%).

Por meio de pesquisa recentemente realizada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) – Representação no Brasil – entre 50.049 alunos de 5ª a 8ª séries do ensino médio de 14 capitais, distribuídos em 9.270 escolas públicas e privadas, utilizando-se de métodos probabilísticos, foi possível projetar o universo para 3,7 milhões de alunos na obtenção dos resultados (Castro e Abramovay, 2002).

Dessa forma, constatou-se que cerca de um milhão de estudantes admite a existência de entorpecentes nas escolas: 438.899 alunos (cer-

ca de 10%) declaram que bebem regularmente, enquanto que 466.003 (cerca de 11%) afirmam fumar diariamente e/ou com alguma frequência. Com relação ao uso de drogas ilícitas, 141.000 jovens (cerca de 3%) declaram fazer uso diário ou quase todos os dias, ou em todos os finais de semana, enquanto que 228.000 jovens (cerca de 4,9%) afirmam que já experimentaram e não usam mais.

Com relação ao contexto social local, o Distrito Federal (DF) possui uma população jovem: são 661.975 pessoas com idades entre 15 e 29 anos, o que corresponde a 32%, enquanto a média brasileira de jovens nessa faixa etária é de 28% dos habitantes. O desemprego, o consumo de drogas e a violência são realidades que preocupam, pois 40% dos desempregados no DF têm entre 18 e 24 anos. A região Centro-Oeste foi onde a Polícia Federal mais apreendeu drogas no ano de 2001. Segundo a UNESCO, de 1989 a 1998 o número de mortes por homicídio, na faixa etária de 15 a 24 anos, cresceu 132% (Amorim et al., 2002).

No Distrito Federal, conforme mostra a primeira etapa da pesquisa (fase quantitativa) realizada por Carvalho et al., (2002), num total de 5.504 estudantes entrevistados, 78,10% já consumiram álcool pelo menos uma vez na vida, enquanto que 36,13% já fizeram uso de tabaco. Entre as drogas ilícitas mais utilizadas, 19,98% experimentaram solventes; 1,65%, maconha; 6,00%, ansiolíticos; 5,87%, anfetamínicos; 2,67%, cocaína; 2,14%, merla e 2,03%, alucinógenos (Carvalho et al., 2002).

Os dados revelam, ainda, que para 37,7% dos entrevistados é na própria casa que iniciam o consumo de bebida alcoólica. A cerveja (ou chope) é a bebida mais consumida entre 58,81% dos adolescentes. Os resultados confirmam que a tendência segundo a qual as drogas mais consumidas pelos adolescentes são as lícitas (álcool e tabaco), as quais causam danos físicos, psíquicos e sociais, principalmente nessa faixa etária. Entretanto, não se deve desprezar a gravidade do consumo das drogas ilícitas pelos adolescentes. Pelo contrário, faz-se necessário levantar quais os fatores de vulnerabilidade que estão associados ao uso/abuso de drogas lícitas e ilícitas, no contexto relacional dos adolescentes, com eles próprios, com seus grupos de pares, com suas redes primárias e secundárias e com a sociedade. Isso porque as consequências diretas e indiretas do uso e abuso de substâncias psicoativas são evidentes em vários aspectos da vida social, tais como a família, o trabalho, a escola, o lazer, a violência, entre outros aspectos.

Com relação especificamente à violência nos grandes centros urbanos brasileiros, e também no meio rural, verifica-se que esta é diretamente relacionada a fatores tais como distribuição desigual da riqueza socialmente produzida, falta de acesso a terra e à tecnologia de desenvolvimento agrícola, empregos precários, aumento do desemprego, entre outras explicações estruturais. A violência, sendo uma forma de relação social, está atada ao modo de como os homens produzem e reproduzem suas condições sociais de existência. Sob essa ótica, a violência expressa padrões de sociabilidade, modos de vida, modelos atualizados de comportamento vigentes em uma sociedade, em um determinado momento de seu processo histórico (Guerra, 1992, p. 393). É nesse contexto que se insere a compreensão relativa do aumento da violência com o consumo e o tráfico de drogas na sociedade atual.

## 2. ADOLESCENTES, CONSUMO DE DROGAS E AMBIENTE ESCOLAR

São vários os conceitos construídos, historicamente, com o objetivo de dar feição à realidade e à evolução do fenômeno do consumo de drogas e dependência química. Julga-se importante desconstruir esses conceitos na forma em que são representados nos meios científicos: droga, drogas psicoativas, adição, drogadição, toxicomania, dependência, dependência química, adolescência, violência.

A etimologia da palavra *droga* é controversa, podendo ter pelo menos três origens: do persa *droā*, significando odor aromático; do hebraico *rakab*, perfume; do holandês *doog*, substância ou folha seca (Seibel & Toscano Jr., 2001). Uma definição didática é aquela que define droga como “qualquer substância que é capaz de modificar a função dos organismos vivos, resultando em mudanças fisiológicas ou de comportamento” (Galduroz et al., 1997, p. 127).

Já a palavra psicotrópico é formada por outras duas: *psico*, oriunda do grego e que se refere ao psiquismo, e *trópico* (tropismo), significando *atração por*. Portanto, *drogas psicotrópicas* são substâncias que possuem atração por atuar no psiquismo, “ocasionando alterações na percepção, na emotividade e no comportamento” (Oliveira, 1997, p. XII).

Encontra-se também o termo *drogas psicoativas*, que, segundo a OMS (de acordo com Galduroz et al., 1997, p. 127), são aquelas “que alteram comportamento, humor e cognição”.

A palavra *adição* é originária do latim – verbo *addico* –, significando *adjudicar* ou *designar*. Sua forma no particípio – *addictum* – significa o oferecido ou oferendado. Nos tempos da República Romana, o *addictum* representava o homem que, não possuindo condições de pagar suas dívidas, oferecia-se como escravo (Kalina et al., 1999).

Na língua portuguesa, a palavra *adição* significa também inclinação ou apego por alguma coisa, sendo empregado o adjetivo *adito* para qualificar alguém francamente propenso à prática de alguma atividade específica, crença, ideologia, etc. (Kalina et al. 1999).

Assim como nos tempos romanos, o *addictum* era alguém que se encontrava em uma condição inferior àquela a que estava habituado, perdendo, assim, sua identidade própria e assumindo-se como marginal (Kalina et al., 1999). O drogadito encontra-se numa posição marginalizada, desprovido de sua própria identidade. Esse termo (drogadição), portanto, significa dependência da droga.

Quando se fala em “adições” deve-se ter em mente que, além daquelas oriundas de substâncias tóxicas proibidas, existem as “adições socializadas”, que não se restringem ao alcoolismo e ao fumo, mas também englobam o abuso de medicações – ansiolíticos, anfetaminas, barbitúricos, etc.–, o trabalho como escape para os problemas, a sexualidade pervertida, os jogos, entre outros socialmente aceitos (Kalina, et al., 1999).

Analisando a história da humanidade, Bucher (1991, p. 17) observou em todas as sociedades a presença de drogas, seja na forma de cultivo, divulgação ou consumo: “Três funções sociais desse consumo se destacam: superar a angústia existencial, entrar em contato com forças sobrenaturais, obter prazer. Esses três objetivos são atingidos de maneira integrada ou, pelo contrário, de maneira marginalizante”.

De acordo com a OMS, a toxicomania pode ser considerada como “um estado de intoxicação periódica ou crônica, nocivo ao indivíduo e à sociedade, causado pelo consumo repetido de droga sintética ou natural” (Cavalcante, 1997, p. 20).

Entretanto, quando se analisa a toxicomania devem ser considerados os múltiplos aspectos que envolvem a questão. O senso comum costuma reputar a toxicomania como um problema individual, proveniente da personalidade e também da classe social do indivíduo. Isso pode ser visualizado na própria família do usuário de drogas, que, muitas vezes,

tem a tendência de negar o problema ou não reconhecer sua abrangência.

A dependência química representa uma relação do usuário com a droga, relação essa impossível de ser rompida sem sofrimento (Cavalcante, 1997). De acordo com Silveira & Silveira (*apud* Ferreira 2000, p. 14), a dependência se caracteriza por um forte impulso para “usar droga de forma contínua (sempre) ou periódica (freqüentemente) para obter prazer”, ou mesmo com a finalidade de que o organismo funcione “normalmente”, já que a ausência da droga pode provocar sintomas físicos (crise de abstinência).

A OMS não mais recomenda o uso do termo adição, vício ou hábito por considerar que “o abuso de drogas não pode ser definido apenas em função da quantidade e freqüência de uso”. Recomenda apenas a palavra dependência e esta se caracteriza quando:

*“O nível de consumo incorrer em pelo menos três dos seguintes sintomas ou sinais, ao longo dos últimos doze meses antecedentes ao diagnóstico: a) forte desejo ou compulsão de consumir drogas; b) consciência subjetiva de dificuldades na capacidade de controlar a ingestão de drogas, em termos de início, término ou nível de consumo; c) uso de substâncias psicoativas para atenuar sintomas de abstinência, com plena consciência da efetividade de tal estratégia; d) estado fisiológico de abstinência; e) evidência de tolerância; f) estreitamento do repertório pessoal de consumo; e) negligência progressiva de prazeres e interesses outros em favor do uso de drogas; g) persistência no uso de drogas, a despeito do mesmo apresentar clara evidência de manifestações danosas; h) evidência de que o retorno ao uso da substância, após um período de abstinência, leva a uma reinstalação rápida do quadro anterior” (Galduroz et al., 1997, p. 127-128).*

A adolescência caracteriza-se por uma fase de transição entre a infância e a vida adulta. Trata-se de um período de busca de identidade e de independência que implica contradições, rupturas e conflitos entre pares, redes sociais primárias e secundárias, as normas e os valores legitimados pela sociedade. Essa fase de desenvolvimento do ser humano, classificada por várias disciplinas como a Medicina, a Psiquiatria, a Psicologia, a Sociologia, o Serviço Social, entre outras, a adolescência é representada como um período de fragilidade do sujeito, portanto, determinante para o início do consumo de substâncias psicoativas. Nes-

sa fase, o adolescente tende a não aceitar orientações, pois está testando a possibilidade de controle sobre si mesmo. Tende a afastar-se da família e aproximar-se do grupo de iguais, em que o uso de substâncias é uma possibilidade cada vez mais presente (Nicastri & Ramos, 2001, p. 25).

De acordo com Outeiral (1994, 2003, p. 33), a escola tem a função de educar. Quando a criança e/ou adolescente se insere na escola, seus aspectos familiares, constitucionais e o ambiente escolar representam o tripé do seu processo educacional. Todavia, como demonstra o autor, a combinação da escola com a fase da adolescência nem sempre acontece de maneira fácil e tranqüila. Vive-se hoje um momento de transição de ruptura aos valores instituídos, e os processos educacionais não mais acompanham o ritmo acelerado e a complexidade das mudanças.

Sabe-se que o consumo de drogas perpassa todos os espaços da sociedade, inclusive o ambiente escolar (Castro e Abramovay, 2002). A escola, como local privilegiado de socialização, de formação de opiniões e de atitudes, de desenvolvimento pessoal e intelectual, tem demonstrado dificuldades de resolver questões cotidianas relacionadas ao consumo de drogas e à violência, cuja complexidade demanda estudos da relação indivíduo, produto e ambiente socioeconômico, político e cultural dos atores.

A violência praticada em âmbito escolar foi classificada pela pesquisa da UNESCO (2002) principalmente como agressões, roubos e assaltos, estupros, depredações, porte de armas e até discriminação racial. Este estudo demonstra que a maioria dos colégios, públicos ou privados, atingiu alto patamar de violência, chegando ao ponto de se concluir que os alunos estão tão inseguros em sala de aula como se estivessem na rua. Desnudou, também, o mito cristalizado no imaginário social, segundo o qual somente as escolas públicas convivem no cotidiano com o consumo e o tráfico de drogas, o porte de armas, com "ganguês, galeras, chegados e rappers" (Abramovay e Waiselfiz, 1999).

Pelo contrário, o estudo demonstra que, nas escolas privadas, a realidade é a mesma, a natureza diferente, pois se lida com classes médias, médias alta e alta, porém, esta é menos visível aos olhos daqueles que estão de "olhos bem fechados"<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Nome do filme de Stanley Kubrick, 1999, em inglês: "Eyes Wide Shut", traduzido para o português, conforme citação.

A falta de segurança nas escolas é apontada como uma das causas da expansão do tráfico e do consumo de drogas nas escolas. Esta hipótese foi comprovada pela pesquisa da UNESCO – Violência nas Escolas (Abramovay *et al*, 2002), a qual revelou que, no Brasil, 65% dos colégios públicos não tomam cuidados básicos para proteger seus alunos, e nas escolas particulares o percentual também é alto: 53%. Praticamente todos os estabelecimentos de ensino têm portões; em 80% deles existem muros e 66% exigem uniforme. Mesmo assim, em 4 de cada 10 escolas a segurança é tão precária, não havendo, assim, controle da entrada e da saída de estranhos ao corpo profissional e aos alunos.

Um dado importante observado na pesquisa refere-se ao grau de violência e seu impacto no aproveitamento escolar. Metade dos alunos que convivem com situações muito agressivas não conseguem se concentrar nos estudos. A outra metade se divide entre aqueles que perdem a vontade de ir à escola e os que ficam extremamente nervosos. Pode-se observar, com base nos dados, que a violência é uma das principais razões do abandono prematuro, de um lado, do processo de estudos pelos adolescentes, e de outro, muitos educadores também desistem da profissão após suportar longas trajetórias de agressões, ameaças e violência, tanto no interior das escolas como na própria comunidade. Diante desse quadro, nada melhor do que lembrar Da Matta (1982, p. 15) quando ensina que *“uma sociedade se revela tanto pelo que preza como sagrado e como fundamental para seu bem-estar, quanto pelo que teme e despreza como pecado, crime e violência”*.

Esta máxima lembra, sobretudo, a violência estrutural que caracteriza as relações sociais e econômicas no Brasil, desde o período colonial que, historicamente, vem violando os direitos humanos básicos de grande parcela da população, como o direito à vida, à alimentação, à saúde, à segurança, à educação e tantos outros direitos.

Vale lembrar que mesmo com o agravamento da questão social, que se reflete no cotidiano das crianças, dos adolescentes e das famílias das classes populares, não mais se admite o discurso segundo o qual as condições estruturais ou a pobreza são causas diretas da violência. Ademais, deve-se relacionar a “violência interpessoal” com a violência estrutural. A deterioração das condições de vida, como a pobreza, a miséria, a exclusão social, podem fragilizar a qualidade das relações interpessoais e familiares. De um lado, a relação entre pobreza e violência não se estabelece de forma automática e determinista porque, em alguns casos,

famílias e grupos vivendo em condições precárias conseguem manter bom relacionamento interpessoal, não deteriorando, nem gerando efeitos de violência. Por outro lado, nota-se que famílias, vivendo em condições menos precárias, refletem a violência não suportando os relacionamentos estabelecidos no seu interior (Campos, 2000, p. 38).

A pesquisa intitulada Mapa da Violência: os Jovens do Brasil (Waiselfisz, 2000, 1998), apresenta dados em que o País ocupa o quinto lugar no *ranking* mundial de taxas de óbitos por violência conjunta (acidentes de transporte, suicídios, homicídios e outras violências). Por meio dessa pesquisa, alguns fatores relevantes demonstram o destino de milhares de jovens como a pobreza, as dificuldades de inserção no mundo do trabalho, problemas de escolarização e de preparo profissional, falta de perspectiva, formação de cartéis da delinquência e da droga, impunidade, perda de confiança na efetividade do sistema jurídico, conflitos da democracia e de partidos políticos, que englobam os problemas nacionais e internacionais.

A complexidade da ética capitalista sobre o consumo não transmite aos jovens uma reflexão baseada na responsabilidade e sim no oportunismo, em que os meios e os fins estão confundidos e a violência encontra seu lugar ideal. Essa ética puramente material convive normalmente, em pleno século XXI, com a anormalidade dos massacres humanos, das guerras, do terrorismo em âmbitos local, nacional e internacional. Trata-se, pois, de um modelo de sociedade voltado ao culto transitório, ao hedonismo, à busca obsessiva do *status* material. Inseridos nesse contexto, os adolescentes aprendem a não sacrificar o prazer de hoje pela segurança de amanhã, porque o mundo para eles deixou de ser previsível, aprendendo que a violência é uma forma de nivelar seus privilégios (Outeiral, 2003). Nesse sentido, a mídia também exerce grande influência no comportamento dos adolescentes, de um lado, naturalizando condutas violentas, e de outro, contribuindo para reforçar a banalização da violência, contribuindo para cristalizar as diversas manifestações de uma sociedade violenta no imaginário social.

No contexto escolar, Castro e Abramovay (2002) afirmam que no imaginário sobre a escola, na percepção dos estudantes, essa é vista como um meio para adquirir um capital intelectual onde o social e o cultural estão também em evidência. Desse modo, representa para o adolescente uma oportunidade de uma possível vida melhor e aceitação na sociedade. Entretanto, apesar de a escola ser vista como um local privi-

legiado de socialização e de desenvolvimento da cidadania, tem refletido em seu público as dificuldades também apresentadas da sociedade, como a violência e o consumo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas.

### **3. REALIDADE DO DISTRITO FEDERAL: ADOLESCENTES, CONSUMO DE DROGAS E VIOLÊNCIA**

A pesquisa quantitativa realizada por Carvalho et al., (2002) foi feita com 5.504 das escolas públicas e particulares do Distrito Federal. Entre 2.875 adolescentes das escolas públicas, as drogas consideradas lícitas, como o álcool e o tabaco, são as que apresentam maiores índices, de acordo com a frequência de consumo. As análises dos dados indicam que fazem uso freqüente do álcool 40,3%, e do tabaco 12,4% dos alunos que responderam ao questionário.

Quando é observado o uso de álcool na vida, o percentual chega a 77,2%, e o uso de tabaco a 34,9%. Nota-se grande incentivo da mídia para o consumo desses produtos associando-os a símbolos de prazer como o sucesso no mundo do trabalho, a aventura, o *status*, a sensualidade, entre outros. O álcool e o tabaco, por não serem reconhecidos na cultura ocidental como drogas que causam danos físicos, psicológicos e sociais, são consumidos cada vez mais por vários segmentos de todas as classes sociais, nos mais diversos espaços públicos e privados, principalmente pelos adolescentes.

As drogas psicotrópicas (ilícitas) que apresentam uso mais freqüente são os solventes, a maconha e os anfetamínicos. Conforme o uso na vida, o solvente atinge o primeiro lugar (14,6%) entre os adolescentes das escolas públicas. Observa-se que há certa facilidade de acesso a esses produtos, pois existe pouca ou nenhuma restrição quanto à sua venda, podendo também ser encontrados facilmente dentro de casa. O uso do solvente e outras drogas psicotrópicas, diferentemente do álcool e do tabaco, não é aceito socialmente, e isso faz com que a maioria dos adolescentes não o utilize diante de seus pais, parentes ou responsáveis, dificultando, dessa forma, a percepção do consumo.

Atualmente, a média de iniciação do consumo de drogas, no Distrito Federal, é de 13 anos, enquanto que há duas décadas a iniciação girava em torno de 18 a 20 anos (Outeiral, 2003). Os dados demonstram que há maior consumo de drogas (22,1%) entre os sujeitos na faixa etária dos 16 aos 18 anos. As adolescentes apresentam uso de substâncias psicotrópicas maior do que os meninos, 24% e 22,1%, respectivamente.

De acordo com a ordem de maior consumo, as meninas fazem uso de solventes, seguidos de ansiolíticos, maconha e anfetamínicos. Já os meninos consomem uma quantidade maior de solvente, maconha e cocaína, respectivamente.

Esses dados evidenciam a necessidade de estudos sobre gênero, classe e padrão de consumo na adolescência, pois nessa fase de desenvolvimento os conflitos de identificação são marcantes, vivendose o dilema de ter que assumir os padrões morais e as práticas sociais vigentes, ou aboli-los. Pode-se analisar esses conflitos por vários ângulos. A título de ilustração, tomar-se-á como caso exemplar a constante insatisfação de adolescentes de ambos os sexos com a auto-imagem, ou seja, aquela veiculada como modelo, pela sociedade, por meio da imposição, da moda, do físico, dos hábitos de lazer, etc. No caso das meninas, o consumo de anfetaminas pode estar relacionado ao desejo de emagrecimento ou, no caso dos meninos, à aquisição de músculos. Conforme aborda Araújo (2001), o consumo de medicamentos supera o consumo das drogas cujo comércio é proibido.

Com relação ao consumo de bebidas alcoólicas, a pesquisa demonstra que 28,1% dos sujeitos consumiram esse tipo de bebida pela primeira vez no recinto familiar, seguidos de 19,7% dos alunos os quais fizeram uso do álcool na casa de amigos ou de conhecidos. Esses dados confirmam que os pais têm grande influência no comportamento dos adolescentes, podendo existir uma importante relação entre a família e o hábito de consumo de bebida alcoólica entre os jovens, todavia, esta não é determinante.

O percentual de repetência escolar é alto e chega a 56,6% dos alunos e 41,9% dos estudantes nunca tiveram repetência escolar. Segundo dados do Relatório sobre o Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD (1996), no que se refere à escolaridade, em 1990, a média de anos de estudo no País era de 4,5%, ou seja, um dos mais baixos índices do mundo.

Há outros fatores que contribuem para a repetência escolar e dizem respeito à própria escola. As situações de conflitos que as crianças e adolescentes vivem no ambiente familiar refletem no rendimento escolar e no seu comportamento na escola, a qual, por sua vez, avalia o aluno como incapaz, reprovando-o ou simplesmente transferindo-o para outra escola.

Adorno (1999), Coordenador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo, coordenou uma pesquisa sobre infrações cometidas por 6 mil adolescentes paulistanos dos 12 aos 18 anos. Ele constatou que há um aumento da participação de jovens em contravenções violentas como brigas e roubos. O nível de escolaridade também cresceu e os dados demonstram uma maior participação da classe média na prática de atos violentos que colocam em cheque os valores e as normas consideradas legítimas pela sociedade.

Como ilustração dessa hipótese, podem ser lembrados os episódios do assassinato do casal Richthofen, envolvendo a filha adolescente do casal e seu namorado, um outro jovem de classe média, que matou a avó e a empregada a facadas, e a violência praticada por sete jovens brasileiros de classe média, que espancaram um garçom até a morte, porque este lhes teria pedido para deixar o bar, que estava prestes a fechar.

As opções de lazer mais adotadas pelos estudantes são, em primeiro lugar, o cinema, com 36,1% de preferência; em segundo lugar, a prática de esportes com percentual de 27,2%. Ir ao *shopping* atingiu o percentual de 6,9% dos estudantes. Todavia, adotam o uso de bebida alcoólica como atividade de lazer 5,4% dos alunos, sendo que 4,6% vão chegar ao bar. Segundo a pesquisa Drogas nas Escolas, a prática de esporte é mencionada pelos estudantes como uma das principais atividades de lazer e de interação social. Segundo Lima (2003), a sociedade atual pautada pelo consumismo exacerbado, pela necessidade de ganho rápido e pela supremacia do prazer individual exerce grande influência nas escolhas do indivíduo quanto ao tempo disponível para o lazer.

A presença da violência na escola é evidente para os adolescentes do Distrito Federal, que é mostrada pelos dados: 43,9% dos estudantes presenciaram algum tipo de violência em ambiente escolar, 30,8% deles assistiram a violência no bairro, e 6,2% dos alunos observaram a ocorrência de violência na família.

Do ponto de vista da Psiquiatria, a explicação refere-se à falta de projetos de vida dos jovens de hoje. Assumpção (2003, p. 61) os concebe inseridos, de maneira geral, em uma "*juventude sem utopias, sem ídolos, sem heróis ou ideais*". Essas referências são importantes para a formação de paradigmas, acordos morais e valores pessoais, como também para o desenvolvimento da identidade social. A falta de projetos de vida, tanto em relação ao indivíduo como em relação ao projeto de sociedade,

sem ideais, sem ídolos ou heróis, gera uma perda de significado coletivo do social.

Nesse contexto, os adolescentes tendem a centrar seus objetivos na satisfação pessoal, restringindo suas ambições, levando-os a sentimentos de tédio e de frustração. Segundo Assumpção, o aumento da violência juvenil e do uso de drogas pode ser entendido como uma das estratégias para o preenchimento desse hiato da relação indivíduo/sociedade.

#### **4. ADOLESCENTES, CONSUMO DE DROGAS, ESCOLA E VIOLÊNCIA: PRÁTICAS SOCIAIS DE JOVENS – REPRESENTAÇÕES DE EDUCADORES EM CONTEXTO ESCOLAR**

Os profissionais da rede pública de educação do Distrito Federal convivem com as expressões do uso de drogas e da violência entre o corpo discente. Este fato social foi constatado na pesquisa sobre o consumo de drogas por adolescentes das escolas das redes pública e particular do Distrito Federal (Carvalho, 2002). Observa-se também este fato por meio de entrevistas realizadas com os atores educacionais. Destes, 94% presenciaram violência e 63% sofreram algum tipo de violência na escola. A violência no contexto escolar significa a manifestação de agressões físicas, verbais e psicológicas na relação aluno/corpo de educadores e vice-versa, as quais causam danos não só contra o patrimônio escolar, mas, principalmente, contra os atores e a comunidade.

A incidência de violência na escola é representada pela falta de políticas públicas que viabilizem condições de educação, trabalho, lazer, saúde, habitação, pois “(...) eles convivem diariamente com a miséria, a violência, a pobreza, a falta de autoridade pública cumprindo o seu papel de gerenciar as necessidades básicas daquela comunidade” (Professor de História – Fita 8, p. 11).

As questões relacionadas à desigualdade social, como a pobreza, manifestada pela escassez de renda, obrigam muitos adolescentes a começar a trabalhar mais cedo do que deveriam ou queriam. Bucher (1988) afirma que o uso de drogas, em países como o Brasil, é consequência do estado de pobreza que se encontra grande parte da população, sem trabalho, ou com trabalho precário, acesso às políticas públicas do que pela busca do prazer. Isso repercute no comportamento do indivíduo, podendo gerar sentimentos de tristeza e angústia, os quais podem ser extravasados por meio de agressões. Porém, pelas interpretações das falas dos

sujeitos, observa-se que a relação entre falta de trabalho e violência não é direta, como se pode notar na fala deste educador:

*“Você pode tirar com o trabalho, de certa forma, o jovem do mundo da delinqüência. (...) agora não se aplica diretamente a ausência de trabalho, com o aumento da violência e do uso de drogas porque nem todos os jovens que não tem emprego, não tem ocupação estão envolvidos com drogas”* (Professor de Filosofia – Fita 12, p. 1).

A pesquisa da UNESCO (Abramovay et al., 1999) sobre “gangues, galeras, rappers e chegados” demonstrou que as opções de lazer são mais favoráveis no Plano Piloto do que nas regiões administrativas do Distrito Federal. Na primeira fase da pesquisa (ver Carvalho, 2002), as opções de lazer mais adotadas entre os estudantes são o cinema e a prática de esporte. A falta de políticas de incentivo ao esporte / lazer tem sido queixa entre os educadores entrevistados, principalmente nas regiões administrativas, pois nas escolas *“não tem um pátio, não tem quadra de esportes (...) a comunidade reage de forma negativa: vamos depredar, agredir, usar a violência. Não há um respeito mútuo com o cidadão”* (Professor de História – Fita 8, p. 13).

Para a maioria dos educadores entrevistados, o lazer proporciona o resgate dos adolescentes que estão em situação social de risco, ou até mesmo aqueles que já se envolveram com as drogas e com a delinqüência, haja vista que *“todos os programas contra droga ou contra a violência que englobam o esporte, dão certo (...) por causa dessa função que o esporte exerce na adolescência”* (Professor de Artes – Fita 24, p. 13).

Nos últimos anos tem aumentado a violência entre jovens de classe média e alta, não somente como vítimas, mas também como executores de agressões, como se pode observar na fala do professor: *“Não existe violência só para famílias pobres, os ricos também tem (...) eu acho que a grande questão é a falta de perspectiva de futuro”* (Professor de Educação Física – Fita 14, p. 4).

Algumas explicações prováveis relacionadas ao aumento da violência entre os jovens estão baseadas no consumo de drogas lícitas. Segundo dados da primeira fase da pesquisa, o uso de álcool chega a 77,2% dos estudantes das escolas públicas do Distrito Federal. Conforme argumenta um educador *“(...) há uma relação muito clara entre droga*

*e violência, mesmo porque a droga leva, inclusive as lícitas, o álcool, leva a um momento de desinibição. E essa desinibição você faz coisas que normalmente não faria, entre as quais a violência*” (Professor – Fita 2, p. 12).

Existe uma preocupação manifestada pelos educadores sobre a presença do consumo de drogas lícitas no âmbito escolar, conforme declara esta educadora: *“(...) o uso de álcool e tabaco, a gente pode perceber isso aqui na escola, é muito presente. Isso é presente no meu cotidiano e vem refletindo dentro de sala de aula*” (Professora – Fita 4, p. 3).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente os adolescentes sequer poderiam comprá-las, quiçá consumi-las. Uma provável hipótese para a evidência desse fato é a falta de rigor na fiscalização dos estabelecimentos que disponibilizam tais produtos e a facilidade de encontrá-los em seus lares, proporcionando aos adolescentes e crianças fácil acesso às drogas lícitas.

Outra preocupação dos educadores refere-se à relação entre o uso de drogas ilícitas e o envolvimento dos adolescentes com o tráfico de drogas nas escolas, por um lado, e por outro, o receio por parte deles em lidar com essas questões, como argumentam esses educadores: *“O tráfico de drogas acontece dentro da escola, onde acontecem brigas por causa da droga*” (Professor de Filosofia – Fita 8, p. 8); *“Junto com a droga vem a questão de armamento, o traficante é bem armado e aí forma-se um poder paralelo (...) não adianta ficar querendo combater aqui na escola, se você não está na raiz do problema*” (Professor – Fita 18, p. 17).

No Brasil, os gastos com segurança têm aumentado significativamente nos últimos anos, conforme demonstram os dados da pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, publicada pela revista *Época* (2003) sobre custos com segurança pública no País. Em 2002, de um lado os governos federal e estaduais gastaram R\$ 47 bilhões. De outro, os dispêndios foram custeados por empresas e cidadãos comuns (R\$ 55 bilhões).

Paradoxalmente, mesmo com grande investimento em segurança pública, os profissionais de educação entrevistados consideram que a violência urbana atual está relacionada à precariedade no aparato de segurança pública e nas políticas sociais. *“A falta de segurança é muito grande, nós como educadores estamos indefesos. Estamos a mercê dos marginais entrarem na escola, atirarem num aluno ou até mesmo num colega de trabalho, como já aconteceu de um aluno atirar no diretor da escola*” (Professor de Filosofia – Fita 11, p. 3).

Como evidenciado, insegurança e ameaça são constantes no trabalho cotidiano nas escolas, com relata este educador: *“(...) têm alunos que já trouxeram facas para dentro da escola, depois que se descobriu que ele queria matar o outro para resolver questões simples”* (Diretora – Fita 23, p. 10). *“(...) eu já sofri desde ser colocado arma na cabeça, ameaças de toda natureza”* (Vice-diretor – Fita 25, p. 14).

Os principais estímulos à violência estão relacionados ao controle social estabelecido sobre o jovem e o grupo de amigos pela família, como relata esse educador: *“A gente tem caso que o aluno vive numa família dessas desorganizadas, e não mexe com drogas. É um aluno bom na escola que não dá problema nenhum”* (Diretora – Fita 23, p. 10).

Todavia, as causas que levam ao comportamento violento são diversas e se manifestam de forma diferenciada em cada indivíduo (Assis, 1999), principalmente na correlação entre violência intrafamiliar e consumo de drogas, pois *“temos casos que as vezes a mãe espanca o filho e o aluno acaba mexendo com drogas”* (Diretora – Fita 23, p. 10).

Segundo o psiquiatra Bouer (2003), atualmente a criança se socializa mais cedo porque sofre a influência do grupo e agrega outros valores que não são só os familiares. Hoje a família delega a responsabilidade de cuidar dos filhos a terceiros, porque todos têm que trabalhar. Este terceiro tanto pode ser a creche, a babá, a televisão e outros. A mídia exerce sobre a criança e o adolescente significativa influência na formação de opinião de comportamentos. A ambivalência dos conteúdos dos “reclames” é percebida pelos educadores: *“Veja a seguinte propaganda: cuidado as drogas matam! E logo depois vêm aquelas: beba Orlof, Campari, Antártica, Brahma ... ou a gente tenta romper com essa hipocrisia ou continuamos reproduzindo o que nos mostram os meios de comunicação”* (Professor de Educação Física - Fita 7, p. 12).

Noto, Baptista e Faria et al., (2003) afirmam que o tema “drogas” envolve várias questões, que vão além da saúde como, por exemplo, tráfico, violência, delinqüência, aspectos morais, entre outros” (p. 02).

De acordo com os autores, pela complexidade do tema:

*“A população recebe, pelos meios de comunicação, informações contraditórias em alguns aspectos. Um evidente descompasso diz respeito ao conjunto de informações sobre ‘drogas ilícitas’ (maconha, cocaína, dentre outras) em comparação às*

*'lícitas' (álcool e tabaco). De um lado a população recebe uma série de informações sobre a violência relacionada ao tráfico e sobre os 'perigos das drogas' e, de outro, é alvo de sofisticadas propagandas para estímulo da venda de bebidas alcoólicas e de cigarro. Nesse contexto, esses grupos de 'drogas', semelhantes em vários aspectos farmacológicos, passam a ser encarados de modo distinto pela opinião pública, gerando posturas extremamente incoerentes sob a ótica da saúde" (p. 02).*

Estudo realizado por Werner (1993), com adolescentes de famílias de classes populares, evidencia que a desagregação familiar é responsável por problemas psicológicos que levam os adolescentes a cometerem atos violentos. Essa é também a interpretação de alguns educadores: *"O adolescente fica violento em virtude de situações problemáticas que passam pela família, ou por estar desempregado, por sofrer violência física, sexual, verbal por pessoas da família e se torna também uma pessoa violenta fora desse contexto"* (Orientadora Educacional – Fita 9, p. 5).

Segundo a interpretação de outro educador, a violência e o consumo de drogas na adolescência *"começa com a desestruturação familiar. Se ele se sente rejeitado, não tem quem acompanha. Ele vai buscar apoio num usuário de droga. Aí começa pela bebida, cigarro, vai tirar as coisas de dentro de casa. Se ele não tem vai ficar desesperado e vai agredir (...) para que, de qualquer forma, possa adquirir a droga."* (Professor de Matemática – Fita 10, p. 10).

Ainda há outras representações dos educadores que atribuem as causas da violência à "fragilidade" da economia do País, pois, *"estamos num País que não tem uma economia fixa, como é que as pessoas vão estar aqui, estruturadinhas, seguras num país inseguro?"* (Professor de Educação Física – Fita 7, p. 11).

## **5. CONCLUINDO: É POSSÍVEL PREVENIR O CONSUMO DE DROGAS E A VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES EM AMBIENTE ESCOLAR?**

A discussão sobre o consumo de drogas na sociedade ainda gera muito preconceito e insegurança. Este fato foi constatado também nas interpretações das falas dos educadores. Nota-se que muitos profissionais, quando questionados a respeito do consumo de drogas na escola, sentem-se receosos em responder, adotando uma postura no sentido de desviar o assunto ou de proteger a escola.

Os entrevistados admitem que os alunos têm fácil acesso às drogas lícitas, como o consumo de álcool e cigarro, porque próximo às escolas existem bares e lanchonetes que os vendem sem nenhuma restrição à idade. Afirmam que os alunos aproveitam as festividades da escola para consumirem a bebida no interior do colégio.

O consumo da droga lícita faz parte do cotidiano das escolas públicas do Distrito Federal e apresenta questões mais profundas quando os pais ou responsáveis também fazem uso de drogas lícitas (álcool e tabaco) e mandam seus filhos menores de idade comprar esses produtos no mercado. Urge, pois, a necessidade de efetivação de fiscalização dos estabelecimentos de vendas destes produtos, fazendo-se cumprir a lei – Estatuto da Criança e do Adolescente – a qual impede a venda de cigarro e álcool a menores de 18 anos.

Em relação às drogas ilícitas (solvente, maconha, cocaína, merla, entre outras), os adolescentes podem ser penalizados com a expulsão da escola ou a transferência de turno. Expulsar ou transferir o aluno torna-se um recurso paliativo porque não resolve o problema, apenas transfere-se a responsabilidade.

A realidade das escolas públicas do Distrito Federal demonstra que a maioria dos estudantes não trabalha. No que diz respeito ao trabalho, observam-se quatro posicionamentos diferentes apresentados pelos educadores entrevistados. A relação mais observada é a ociosidade, que consiste na idéia de que o uso de drogas está relacionado à falta do que fazer e que, dessa forma, ao exercer alguma atividade, o adolescente estaria menos suscetível ao uso de drogas.

Outros atribuem o trabalho à maturidade, que é fator importante para manter o estudante longe das drogas. Já alguns professores consideram que o trabalho pode atuar como facilitador do uso de drogas, por ter recursos para comprá-las, além dos tipos de trabalho como bares, feiras, estacionamentos de carro e outros. Entretanto, muitos professores consideram que os adolescentes que trabalham rendem mais porque têm menos tempo para estudar, e aproveitam melhor o pouco tempo que têm. São mais responsáveis e esforçados.

Além do trabalho, é proposta unânime a prática do esporte para o distanciamento do adolescente do uso da droga e da violência, envolvendo-o em lazer orientado que proporcione condições de desenvolvimento físico, psíquico e social. No âmbito da família, segundo os educadores,

ela continua sendo responsável pela transmissão de valores, limites e ideais para que o jovem se desenvolva normalmente longe das drogas e do comportamento violento.

Observa-se nas entrevistas uma postura dos educadores de culpabilização da família pela má formação dos alunos e isenção de sua atuação enquanto educador. Um motivo muito apontado pelo corpo docente está relacionado com as modificações ocorridas na família tradicional (família nuclear), associadas à pobreza socioeconômica, ao desemprego, à violência, à falta de diálogo e outros.

A maioria dos educadores acredita que existe relação direta entre violência e uso de drogas. Alguns acreditam que essa relação existe, porém, não está determinada; ela ocorre de forma indireta, podendo ser influenciada por diversas causas como gênero, idade, etnia, família, ambiente externo, falta de políticas sociais que garantam condições de qualidade de vida e questões subjetivas.

Percebe-se uma visão equivocada por parte dos profissionais de educação a respeito do que seja prevenção. Esta é confundida com tratamento ou até mesmo com repressão. Observa-se este fato quando as escolas começaram a desenvolver atividades com os alunos somente depois que já está instalado o problema das drogas e da violência. O jargão “melhor prevenir do que remediar” é usado como subterfúgio para o aluno suspeito de uso de drogas não continuar na escola ou se quer conseguir uma vaga.

O serviço público do Distrito Federal oferece curso de prevenção para profissionais de educação, porém, estes avaliam o curso como incipiente. Quando são questionados a respeito das políticas públicas relacionadas à prevenção nas escolas, a resposta é quase unânime a respeito da ineficácia dessas políticas.

Segundo os educadores a escola não tem cumprido seu papel enquanto instituição formadora e socializadora de informação, no que diz respeito ao enfrentamento da droga e da violência em âmbito escolar, devido à escassez de profissionais capacitados, à falta de material didático, à má remuneração e à falta de um trabalho sistemático em âmbito micro e macro por meio de políticas preventivas.

Faz-se necessário a implementação de políticas de prevenção que possibilitem preparar os profissionais de educação para lidar com as questões relacionadas com limites, valores éticos, morais e religiosos, e ques-

tões do desenvolvimento emocional dos adolescentes, dentro do Projeto Pedagógico de cada unidade de ensino, por meio de cursos de capacitação. Estes cursos devem propiciar suporte teórico metodológico adequado à realidade, que possa abranger a complexidade do indivíduo para poder compreendê-lo como um ser integral.

É importante propiciar às famílias espaço para discussões a respeito da educação dos filhos e de seu papel nesse processo. Estimular a criação e a manutenção de espaços comunitários que possibilitem a prática de esportes e lazer orientados por profissionais. Também o acesso e produção de várias manifestações culturais, além de preparação para o mercado de trabalho. Estimular a articulação em redes, institucionais e não institucionais, com o objetivo de implementar ações de promoção do desenvolvimento de crianças e de adolescentes.

Finalmente, deve-se sinalizar que a Plenária final do IX Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, realizado em 2001, no Rio de Janeiro, reconheceu a necessidade de o Serviço Social, enquanto área de conhecimento, que tem como princípio da formação profissional o conhecimento da realidade sobre a qual estão inseridos os sujeitos da intervenção, de desenvolver estudos e pesquisas sobre o fenômeno do consumo e do abuso de drogas e da dependência, principalmente no segmento criança e adolescente. Reconheceu-se, inclusive, a necessidade de contribuir na construção de redes sociais de prevenção e controle do consumo de drogas por estes segmentos da sociedade. Esse reconhecimento representa um marco nas dimensões investigativa e interventiva do Serviço Social brasileiro, juntando-se a outras disciplinas que já consolidaram conhecimentos, no campo do consumo de drogas na adolescência.

### Referências bibliográficas

- CASTRO, M, ABRAMOVAY, M. *Drogas nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- ABRAMOVAY et al. *Violência nas escolas*. Brasília-DF: UNESCO, Coordenação de DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ABRAMOVAY et al., *Gangues, galeras, chegados e rappers – juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília*. Distrito Federal: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, 1999.

- ADORNO, S. Adolescência e Criminalidade. In: S. Adorno, R.S. de Lima & E. B.T. Bordini (orgs). *O adolescente na criminalidade em São Paulo*. Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Estado e Direitos Humanos, 1999, p. 13-18.
- AMORIM, R. et al., A idade do desafio. *Correio Braziliense*, Caderno Cidades, 28 abr. 2002, p. 10.
- ARAÚJO, Eunice Corrêa de et al. *Capacitação de instrutores para a promoção da saúde em ações antidrogas*. Brasília: Secretaria Nacional Antidroga, 2001.
- ASSUMPTÃO, Francisco. Como ela pode? O que a ciência diz sobre os jovens que cometem atrocidades. *Superinteressante*. nº 184, Jan. 2003, p. 57-62.
- BERNABEAU Laurence. *Adolescência; a mais bela das idades?* In: France Label, nº 51. Julho-Setembro de 2003, p. 18-19.
- BOUER, Jairo. Drogas em família. *Revista Época*. nº 260, mai. 2003.
- BUCHER, R. Drogas e drogadição no Brasil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BUCHER, R. *Prevenção ao uso indevido de drogas, volume 1*. Brasília: Programa de Educação Continuada, Universidade de Brasília, 1991.
- BUCHER, R. Drogas e sociedade nos tempos da Aids. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.
- CARLINI, E. A. et al. *I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país*. São Paulo: CEBRID, UNIFESP, 2001.
- CARLINI-COTRIM, B.; BARBOSA, M. T. S. *Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas, Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1993.
- CARLINI-COTRIM, B.; SILVA-FILHO, A. R.; BARBOSA, M. T. S. *II Levantamento nacional sobre o uso de psicotrópicos em estudantes de primeiro e segundo graus – 1989*. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1990.
- CARVALHO, D. B. B. Consumo de drogas por adolescentes das escolas das redes pública e particular do Distrito Federal. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL (ENPESS)*, 4, 2000. *O Serviço Social: direitos e cidadania*. Brasília: ABEPSS, 2000. V. 2, p. 469-477.
- CARVALHO, D. B. B. Pesquisa Adolescentes e Consumo de Drogas: o Consumo de drogas por adolescentes das escolas das redes públi-

- ca e particular do Distrito Federal, citada por MONTENEGRO, E. Adolescência em Brasília: entre prevenir e reprimir. *Correio Braziliense*, Brasília: Caderno Cidades, 26 abr. 2001, p. 28.
- CARVALHO, D. B. B. Pesquisa adolescentes e consumo de drogas: o consumo de drogas por adolescentes das escolas das redes pública e particular do Distrito Federal, citada por MOURA, L. A. Adolescência em Brasília: jovens começam a beber dentro de Casa. *Correio Braziliense*, Brasília, Caderno Cidades, 29 abr. 2001, p. 18-19.
- CARVALHO, Denise B.B. O consumo de drogas por estudantes de escolas das redes pública e privada do Distrito Federal In: *VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*. ANAIS Vol. 2, Distrito Federal: Universidade de Brasília, 2000.
- \_\_\_\_\_. Adolescentes e consumo de drogas: estudo sobre consumo de drogas pelos adolescentes das escolas das redes pública e privada do Distrito Federal. Projeto de pesquisa. Brasília: UnB/SER, CNPq, 2002.
- \_\_\_\_\_. O consumo de drogas pelos adolescentes das escolas das redes pública e privada do Distrito Federal. Relatório do CNPq. Universidade de Brasília/SER, CNPq, 2003.
- CAVALCANTE, A. M. *Drogas: esse barato sai caro, os caminhos da prevenção*. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Tempos, 1997.
- COSTA, A. C. L. L.; GONÇALVES, Elizabeth C. A sociedade, a escola e a família diante das drogas. In: BUCHER, R. (Org.). *As drogas e a vida: uma abordagem biopsicossocial*. São Paulo: CORDATO, EPU, 1988.
- CRUZ, M. S.; FERREIRA, M. B. Determinantes socioculturais do uso abusivo de álcool e outras drogas: uma visão panorâmica. In: CRUZ, M. S.; FERREIRA, M. B. (Orgs.). *Álcool e drogas: usos, dependência e tratamento*. Rio de Janeiro: Edições IPUB – CUCA, 2001.
- DAMATTA, R. A. As raízes da violência no Brasil. Reflexões de um antropólogo social In: *A violência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1982. Relatório de Desenvolvimento Humano no Brasil – PNUD, 1996. Revista Época – pesquisa da Fundação Getúlio Vargas 2002/03 p. 18.
- FERREIRA, E. de N. *Drogas, família e violência: estudo comparativo a partir das percepções dos adolescentes das escolas das redes pública e particular das cidades do Gama, Taguatinga e Ceilândia*. Brasília: SER/IH/UnB, 2000. Monografia (Graduação em Serviço Social).
- GALDUROZ, J. C. F.; D'ALMEIDA, V.; CARVALHO, V.; CARLINI, E. A. *III levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1993*. São Paulo: CEBRID, Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1994.

- GALDUROZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E, A. *IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras – 1997*. São Paulo: CEBRID, Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1997.
- GUERRA, Viviane N. Comentários aos Art. 129 e 130” In. CURY, Munir, et al. *Estatuto da Criança e do Adolescente comentado: comentários jurídicos e sociais*. São Paulo: Malheiros, 1992.
- KALINA, E. et al. *Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.
- MEDINA, M. G. et al. Epidemiologia do consumo de substâncias psicoativas. In: SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001, p. 161-179.
- NICASTRI, Sergio, RAMOS, Sergio de Paula. Prevenção do uso de drogas. *Jornal Brasileiro de Dependência Química*, São Paulo: Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas – ABEAD, junho. 2000. Vol. 2.
- NOTO, Ana Regina, BAPTISTA, Murilo C., FARIA, Silene T. et al. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise de artigos publicados em jornais e revistas. *Cad. Saúde Pública*. (Online). Jan./fev. 2003, vol. 19, nº 1 (citado 06 de set. 2003), p. 69-79. Disponível na World Wide Web: [http://www.scielo.br/sicelo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-311X2003000100008&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/sicelo.php?script=sci_arttext&pid=So102-311X2003000100008&lng=pt&nrm=isso). ISSN 0102-311X.
- OLIVEIRA, S. da C. *Conversando sobre as drogas*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.
- OMS (Organização Mundial de Saúde). *Relatório sobre a saúde mental no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Brasil, 2001*.
- OUTEIRAL, J. O. *Adolescer: estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- OUTEIRAL, José. *Adolescer: estudos revisados sobre adolescência*. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- REVISTA ÉPOCA – Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas 2002/03 p. 18.
- SEIBEL, S. D.; TOSCANO JR., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 35-46.
- VARGAS, H. S.; NUNES, Sandra V.; VARGAS, Heber O. *Prevenção geral das drogas*. São Paulo: Ícone, 1993. (Coleção Drogas A à Z)
- WASSERMAN, R. Cai consumo de cocaína e heroína, diz ONU. Folha de São Paulo, Caderno Folha Mundo, 23 de janeiro de 2001.
- WERNER, D. et al. *Antecedentes familiares e crime*. Relatório para CNPq. Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, 1993 (mimeo).